

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Ricardo Rossato¹

A partir dos recentes processos de mudança em nível mundial, especialmente após a queda do muro de Berlim, em 1989, alguns termos passaram a ter uma grande circulação. Mundialização, *internacionalização da economia*, *sociedade mundial*, *globalização* são empregados constantemente, embora nem sempre assumam o mesmo significado, dependendo do autor ou do contexto em que são utilizados. Não sendo, portanto, termos unívocos, convém defini-los adequadamente antes de servirmo-nos deles. Importa desvendar quais os efeitos e que medidas concretizam o projeto de globalização nos diversos campos e, especialmente, nas denominadas *políticas sociais*. No presente trabalho, pretende-se oferecer, embora de maneira sintética, uma primeira abordagem do que é globalização; num segundo momento, examinar suas causas e, numa terceira etapa, abordar as características do fenômeno, objetivando, posteriormente, estabelecer as relações com o mundo da educação.

¹ Professor de Sociologia da Educação, da Universidade de Passo Fundo; doutor pela Sorbone de Paris.

O QUE É GLOBALIZAÇÃO?

Segundo Kurz (1995), “a partir da década de 80, um novo sistema de coordenadas surgiu com uma rapidez impressionante, e para além dos limites nacionais surgiu um mercado único e global... Tudo passou a ser negociado a qualquer momento e em toda parte: dívidas do Terceiro Mundo, auto-peças, mão-de-obra barata, órgãos humanos...”

Por sua vez, para Arruda,

globalização é um processo que se vem desenvolvendo há muitas décadas. Tem como base, o avanço do capital (empresas e bancos) em busca de novos mercados e locais de investimentos para além das fronteiras geopolíticas. Nestes últimos quinze anos este avanço tem se acentuado notavelmente e envolvido além do comércio e da produção material, os serviços, os bens culturais, e os próprios valores fundamentais do capitalismo contemporâneo, seu projeto de modernidade e de humanidade orientada pela ânsia de consumir sempre mais e pela busca através da competição, do máximo bem-estar individual (1997, p. 6).

Ianni afirma:

Aqui começa a história novamente. Em lugar de sociedades nacionais, a sociedade global. Em lugar do mundo dividido em capitalismo e socialismo, um mundo capitalista, multipolarizado, impregnado

de experimentos socialistas. A noção de três mundos, centro, periferia, imperialismo, dependência, milagre econômico, sociedade nacional, Estado-nação, projeto nacional, caminho nacional para o socialismo, caminho nacional de desenvolvimento capitalista, revolução nacional e outras, parecem insuficientes ou mesmo obsoletas. Dizem algo, mas não dizem tudo... Os conceitos envelheceram...o real continua a mover-se, a transformar-se (1996, p. 35).

Geram-se características semelhantes em muitos pontos do planeta, fazendo emergir uma sociedade mundial. As estruturas visíveis, os processos, os acontecimentos mostram que os fenômenos têm uma escala global, universal. A esse conjunto de acontecimentos pode-se denominar *globalização*.

QUAIS SÃO OS ELEMENTOS ANTECEDENTES DA GLOBALIZAÇÃO?

Sem dúvida, a Revolução Industrial, com a ascensão da burguesia ao poder, gera uma nova mentalidade, caracterizada pela busca da concretização dos novos ideais. O século XIX implanta, em nível de políticas nacionais, muitas das idéias liberais.

O século XX, por outro lado, verá um avanço extraordinário da tecnologia e profundas mudanças econômicas, de forma que muitas das idéias do século

XIX se concretizarão, tanto no campo material como no campo moral.

Segundo Hobsbawn,

o século XIX foi uma época em que se podia acreditar tanto no progresso material como no sentido moral. Ou seja, cada vez mais liberdade política, mais educação para todos etc. As grandes heranças do século XIX foram duas : a criação da sociedade burguesa material, mas também institucional, política, e a crença no progresso permanente.

Anteriormente, contudo, na raiz da sociedade moderna deve ser colocado o iluminismo do final do século XVII e, especialmente, do século XVIII, com todas as suas características e seqüelas. O iluminismo representou a secularização do pensamento e a conseqüente sacralização da razão e da ideologia.

Thompson(1995), pensador inglês, afirma que, como surgimento da sociedade moderna, as ideologias vão aparecer: "Como um sistema secular de crenças que emergiram às vésperas do abandono da religião e da magia, e que serviram para mobilizar a ação política num mundo libertado da tradição."

Ainda segundo Thompson, o início da era moderna é marcado por alguns fatores:

a) *O surgimento do capitalismo industrial na Europa e em outros lugares foi acompanhado pelo declínio das crenças e práticas religiosas e mágicas que eram prevalentes em sociedades pré-industriais. O desenvolvimento do capitalismo*

industrial, em nível de atividade econômica, foi acompanhado na esfera da cultura, pela secularização das crenças e práticas e pela progressiva racionalização da vida social. O tipo de sociedade que surge com o desenvolvimento industrial é radicalmente diferente da sociedade pré-industrial e pré-capitalista. Enquanto as sociedades pré-capitalistas eram basicamente conservadoras no seu modo de produção, a sociedade capitalista moderna está constantemente em expansão, modificando-se, transformando-se: a sociedade capitalista moderna desintegra também as tradições e as formas culturais - incluindo tradições religiosas que eram características das sociedades pré-capitalistas.... É esse processo de desmistificação que coloca a humanidade no limiar de uma nova era, uma era que pode ser e será anunciada por uma transformação iluminada da sociedade, isto é, uma transformação baseada num conhecimento partilhado de relações sociais desmistificadas.

Max Weber fala no desencantamento do mundo moderno .

em que alguns dos valores tradicionais e distintivos da civilização ocidental foram submersos por uma racionalização sempre crescente e por uma burocratização da vida social e ele viu isto com uma certa pena, como o destino dos tempos modernos (apud Thompson, p.108).

Na esteira dessa mudança, a sociedade, que antes atribuía grande importância a determinados valores, como o sagrado, buscará outras sacralizações, como o trabalho, por exemplo. O trabalho, que antes tinha um sentido de sacrifício e redenção, passa a ter um sentido em si próprio, uma função em si. Gera-se um novo sagrado. O trabalho se separou das outras

esferas da habitação, da cultura da educação, da diversão e da vida em geral. "Ir ao trabalho" passou a significar o mesmo que o antigo "ir à missa", embora a sociedade moderna tenha logo esquecido a origem histórica e religiosa do trabalho... Os homens habituaram-se a imolar suas vidas no altar do trabalho e tomar como felicidade submeter-se a um "emprego" determinado por outrem... Na totalidade global de uma atividade incessante, a servidão tornou-se liberdade, e a liberdade servidão, ou seja, aceitação voluntária do sofrimento sem outro sentido, senão ele próprio. O "trabalho" substitui-se a Deus, e neste sentido, todos são hoje "servos de Deus" (Kurtz, 1997).

b) O declínio da religião e da magia prepararam o campo para a emergência de sistemas de crenças seculares ou "ideologias" que servem para mobilizar ação política, sem referência a valores ou seres do outro mundo. A consciência religiosa e mítica da sociedade pré-industrial foi substituída pela consciência prática enraizada nas coletividades so-

ciais e animada pelos sistemas seculares de crenças (Thompson, 1995 p. 106).

Segundo o mesmo autor, há, portanto, uma secularização da vida social e do poder político que criam as condições necessárias para a emergência e difusão das ideologias, que são entendidas, principalmente, como "sistemas seculares de crenças que têm uma função mobilizadora e legitimadora".

De certa forma, as ideologias vinham substituir "a falta de fundamento, uma sensação produzida pela destruição de estilos de vida tradicionais e pela morte de cosmovisões religiosas e míticas" (Idem, p. 110).

c) A evolução social dos séculos XIX e XX não se funda mais em motivos religiosos, mas secularizados pelas ideologias, que sobrevivem fortalecidas nos diferentes regimes. Deve-se, nesse sentido, analisar o importante papel que desempenhou o socialismo com a sua cosmovisão de mundo e o que significou a implantação do regime capitalista. Para estes, viveríamos hoje o fim das ideologias. No contexto do capitalismo, as visões ideológicas estariam abrindo caminho para um novo consenso de pragmatismo e desenvolvimento das sociedades industriais, como se o atual modelo de desenvolvimento devesse ser o único para todo o planeta. Visa-se, contudo, à ideologia da reprodução social.

Na raiz da sociedade moderna, está uma nova concepção de vida materializada. A felicidade se traduz na

aquisição de bens materiais. Popcorn afirma:

Antigamente a felicidade fazia parte integrante dos direitos adquiridos no nascimento. Quando Thomas Jefferson falava da vida, da liberdade e da busca da felicidade, ele queria dizer que quanto mais uma sociedade nos oferece possibilidades, mais nós seremos felizes. O sistema de valores do pós-modernismo nos oferecerá a felicidade das possibilidades (1991, p. 31).

Portanto, mudou a base teórica e mudou a realidade. O determinante é o material. Houve um esvaziamento do moral, do ético e do espiritual. E isso se universalizou.

QUE FATORES DESENCADEARAM A GLOBALIZAÇÃO?

Evidentemente, não são fatores isolados em si que fazem o processo deslanchar, mas o conjunto dos mesmos. Aliás, esses só podem ser entendidos no contexto do desenvolvimento capitalista do século XX. Os meios materiais que possibilitaram esse processo foram :

- os satélites: possibilitaram um extraordinário avanço uma vez que viabilizaram a simultaneidade dos fatos e a sua conexão imediata em todo o mundo nos diversos campos;
- a microeletrônica, com a revolução da informática, coloca nas

mãos dos que dispõem do poder uma extraordinária capacidade de informar e formar opiniões, jamais vista anteriormente;

- a nova tecnologia em comunicação possibilita que se tome ciência do mesmo fenômeno em uma multiplicidade de lugares, passando a elaborar imediatamente um sistema de respostas e análises em diferentes pontos do globo, de modo que, mal acontecem os fatos, já surgem as interpretações oficiais dando o devido enquadramento político ou econômico, conforme os interesses dos diferentes grupos;
- a nova tecnologia em transportes não somente reduz as distâncias, mas viabiliza a colocação de qualquer produto em todo o planeta em um espaço de tempo extremamente reduzido;
- a queda dos custos energéticos permite uma grande expansão em termos de consumo e viabiliza um aumento da produção, dada a facilidade da condução da própria energia;
- a implantação das redes de telecomunicações, que possibilitam uma nova forma de decisão.

Elas constituem o veículo mediante o qual fluem as informações, que são hoje o motor principal dos dinamismos hegemônicos. As redes são a condição da globalização e a quintessência do meio técnico-científico-informacional...São

os nós desta rede que presidem e vigiam as atividades mais características deste nosso mundo globalizado (Santos, 1997).

Sob o ponto de vista econômico, podemos destacar como determinantes os seguintes fatores:

- a organização dum sistema financeiro internacional em conformidade aos interesses e determinações dos países dominantes e de acordo com as novas exigências do sistema capitalista mundial;
- as relações econômicas mundiais (meios de produção, forças produtivas, divisão internacional do trabalho...) são amplamente influenciadas pelas exigências das empresas, conglomerados internacionais transnacionais, mundiais, globais;
- a reprodução ampliada do capital, com a concentração e a centralização de capitais, universaliza-se em uma nova escala especialmente com a queda do socialismo no Leste europeu.

Embora não seja determinante como resultado de todo esse processo, observa-se que o inglês se tornou a língua universal tanto no campo das ciências como das relações comerciais. Em alguns países como a Índia, com inúmeros dialetos, em algumas regiões, tornou-se mais importante do que a língua local. Impôs-se acima de qualquer fronteira seja geográfica ou cultural.

Nesse contexto, gerou-se, portan-

to, uma nova ordem: o mundo globalizado. A ordem mundial impôs-se sobre a ordem local. O mercado gerou marcas e produtos globais: Coca-Cola, Mc Donalds, Reebok, Nike... Os produtos não são mais *made in Germany*, mas *made in Mercedes Benz*, *in Mitsubishi*, ou *in Siemens*.... Muitos desses megaconglomerados possuem um capital superior ao PIB de um grande número de países; pela nova ordem, estão acima das fronteiras. Está surgindo um novo tipo de *cidadão do mundo*: não aquele que viaja, conhece, mas aquele que se sente em casa ao consumir as marcas dos produtos globais.

CARACTERÍSTICAS DO MUNDO GLOBALIZADO

As conseqüências, invisíveis por um lado, por outro, determinam o nosso cotidiano. Muitas dessas empresas, pelo seu volume de capital, têm maior poder que muitos Estados e acabam por influenciar diretamente nas economias dependentes: emprego, salário, inflação... A absolutização da lógica do mercado impõe exclusivamente a sobrevivência dos competentes (segundo as leis do mercado). O elemento determinante torna-se o tecnológico, e as funções se repartem pelo planeta, obedecendo à lei básica: produzir onde os salários são baixos, pesquisar onde as leis são generosas e auferir os lucros máximos onde os impostos são menores.

Segundo Octávio Ianni, o mundo globalizado apresenta sete características fundamentais:

1. a energia nuclear tornou-se a mais poderosa técnica de guerra, inicialmente mobilizada pelas grandes potências, mas, em seguida, já disponível nas mãos de dirigentes de nações de segundo e terceiro escalão;
2. a revolução informática, baseada nas conquistas da eletrônica, coloca nas mãos dos donos do poder uma capacidade excepcional de formar, informar, induzir e seduzir talvez jamais alcançada anteriormente na mesma escala;
3. organiza-se um sistema financeiro internacional, em conformidade com as exigências da economia capitalista mundial e de acordo com as determinações dos países dominantes, tais como os Estados Unidos, bem como a Comunidade Econômica Européia, o Grupo dos 7 e as determinações do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), ou Banco Mundial;
4. as relações econômicas mundiais, compreendendo a dinâmica dos meios de produção, das forças produtivas, da tecnologia, da divisão internacional do trabalho e do mercado mundial, são amplamente influenciadas pelas exigências das empresas,

corporações ou conglomerados multinacionais, transnacionais, mundiais, globais, planetários;

5. a reprodução ampliada do capital, compreendendo a concentração e centralização de capitais, universaliza-se na realidade em nova escala, com novo ímpeto, recriando relações nos quatro cantos do mundo, pressionando as nações socialistas, influenciando, bloqueando ou rompendo seus sistemas econômicos;
6. o inglês se transforma na língua universal, uma espécie de língua franca, por meio da qual se articulam e expressam indivíduos, grupos e classes, em países dominantes e dependentes, centrais e periféricos, tribais e clânicos, oligárquicos e democráticos, capitalistas e socialistas, em suas relações sociais, políticas econômicas e culturais;
7. o ideário do neoliberalismo adquire predomínio mundial, como ideologia e prática, modo de compreender e agir, forma de gestão do mercado e poder político, concepção do público e do privado, ordenação da sociedade e visão do mundo (1996, p. 58-9).

E o autor conclui:

Todas estas características da globalização configuram a sociedade universal como uma forma de sociedade civil mundial, promovem o deslocamento das coisas, indivíduos e

idéias, o desenraizar de uns e outros, uma espécie de desterritorialização generalizada.

QUAIS SÃO AS LEIS DA GLOBALIZAÇÃO?

Novas formas e novas leis determinam os comportamentos e a comunicação entre os homens, entre os povos, entre os continentes. Primeiramente, todo o sistema funciona pelas infovias: a decisão se dá pela simulação do computador e não pelo cérebro humano. As leis determinantes do sistema são:

- maximização dos lucros;
- maximização da competitividade;
- maximização da produtividade;
- produção fantástica de bens sofisticados;
- emprego de alta tecnologia;
- produção em massa personalizada: daí a inserção das notícias locais nos grandes jornais;
- geração de novas necessidades através da propaganda;
- criação de uma constelação de empresas em torno de si;
- aumento da exploração da mão-de-obra;
- aumento da exploração do meio ambiente;
- nova divisão do mundo do trabalho.

Os atuais países industrializados, especialmente Estados Unidos e muitos países da Europa, vão reservar para si

dois campos de atuação: serviços e conhecimentos, ou seja, a chamada *indústria limpa*. Por outro lado, vão repassar às outras indústrias somente a indústria que não emprega ou a indústria que polui. O conhecimento torna-se determinante, pois tudo será através de *software*.

Globalização do produto: um fornece matéria-prima, outro costura, outro etiqueta, outro comercializa...

Globalização dos fluxos econômicos: como as bolsas fecham em horários diferentes, os aplicadores sugam os lucros econômicos de cada local e levam embora os ganhos. Ora, como é o trabalho que gera lucro e esse foi embora, expande-se o desemprego. Por outro lado, diariamente, circulam bilhões de dólares nas quatro maiores bolsas do mundo: Tóquio, Londres, Frankfurt, Nova York. Essas se tornam controladoras do fluxo econômico; os técnicos em informática vêm enorme influência no campo do trabalho e do conhecimento.

Nesse contexto, reserva-se um novo papel para a ciência e o saber; pode-se dizer que, na evolução da humanidade, tivemos, primeiro, um saber agrário que se caracterizava pelo saber-fazer, pela experimentalidade e que era baseado na transmissão direta dos conhecimentos, dos pais para os filhos, por exemplo; depois, com o desenvolvimento da Revolução Industrial, surgiu o saber industrial, o qual era um saber produtivo baseado no conhecimento técnico e na invenção - os grandes inventores têm um papel determinante na ciência e no progresso. O conhecimento era um treina-

mento para usar as máquinas dos outros. O invento era reservado ao gênio.

Hoje desenvolve-se uma nova forma: o saber informático. Trata-se de preparar indivíduos criativos; preparar uma elite intelectual; preparar pequenos núcleos que pensam o futuro. O saber é criativo: os outros serão usuários. As formas de pensar vão dar saltos qualitativos. Gera-se um novo poder: a ciência. A ciência pode manejar a vida; cria-se novo tipo de trigo ou de milho; alteram-se as leis genéticas; mexe-se na gênese; mexe-se com o código genético humano. Os outros vão aplicar. No contexto dos países, o capital deixa de integrar o estoque de capital nacional. Enquanto o Estado está preso às suas fronteiras, o capital se volatiliza, gerando uma evasão de lucros e novas rentabilidades em locais distantes das suas origens. Contudo, essa economia global é limitada a uma minoria restrita. Abre-se, portanto, uma nova página da história.

QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO?

A primeira grande consequência é o surgimento das grandes corporações econômicas. O historiador inglês Hobsbawm (1997) compara o mundo atual ao mundo medieval:

Os grandes senhores feudais do mundo atual são as corporações econômicas. Vivemos um momento muito particular: o Estado continua sen-

do importante, indispensável... Mais que isso: dirige também a distribuição nacional da renda. E não somente o Estado o faz. Nos últimos 20 anos, a conversão de regiões ricas em regiões pobres tornou-se uma das maiores funções da União Européia. Mas ao mesmo tempo existem outros tipos de poderes, como as transnacionais. Ambos têm que coexistir. Não é possível dizer: "O Estado já foi derrotado..."

Há numerosas empresas com capital muitas vezes superior ao PIB de muitos países. Por outro lado, busca-se implantar um modelo único de desenvolvimento. Em recente reunião dos grandes países em Denver, Clinton conclamou os países a seguirem o exemplo dos Estados Unidos em relação ao modelo de crescimento. Foi mais longe, chegou a propor a seus convidados que se vestissem como ele, trajado de caubói americano. Isso mostra muito bem a concepção: seria a uniformização total. É a explicitação do objetivo maior: a imposição dum modelo único de desenvolvimento, desrespeitando a história e a identidade de cada povo.

Para Touraine (1997),

o erro mais palmar seria crer que a abertura internacional das economias e as revoluções tecnológicas permitem apenas um único tipo de sociedade a que os Estados Unidos dão o exemplo mais bem-sucedido - a ponto de os dirigentes e a opinião pública deste país persuadirem-se cada vez mais de que seu modelo é o único possível e que os outros países não

têm outra escolha senão imitar os EUA ou, então, mergulhar no subdesenvolvimento. Cada país, ao contrário, deve eleger a política social compatível com a nova situação econômica, mas que corresponda também às exigências da sua sociedade e de sua vida política.

Gostaria de chamar a atenção para um outro ponto: vivemos uma nova noção de tempo. O tempo se contrai. Vivemos o imediatismo. Chesnaux (1995) nos diz que

impõe à nossa vida cotidiana as formas diversas de instante. O fastfood é preparado tão rápido quanto é consumido, desprezando a arte tradicional dos cozidos gradualmente na duração, a diferente maturação dos gostos e dos sabores, a combinação dos ingredientes que precisam de tempo para se harmonizar progressivamente. Os relógios "digitais" não são capazes de indicar o tempo como duração, mas somente o instante pontual, por isso efêmero, enquanto que o movimento dos ponteiros sobre o mostrador tradicional inscrevia o tempo no espaço e tornava perceptível a sua progressão; cada momento se definia em relação com o anterior e o posterior, um passado e um futuro.

Criou-se a ética do instante, o culto do descartável, o frenesi da obsolescência. O lema do TGV (Trem de Grande Velocidade) francês é: *ganhar tempo sobre o tempo*. Na bolsa de Nova Iorque, a cotação do dólar não é mais diária, mas

a cada trinta segundos. O tempo se tornou ininterrupto. Não podemos andar a pé, pois perdemos o ritmo do tempo.

Correlativamente ao tempo, coloca-se a questão do espaço. A globalização criou uma nova noção de espaço. O mundo tornou-se uma aldeia, uma aldeia global; as migrações intensificaram-se. Há uma desterritorialização do capital e das pessoas. Milton Santos (1997) afirma:

Nos primórdios da história registravam-se alterações isoladas, ao sabor das civilizações emergentes até que o processo de internacionalização cria em diversos lugares feições semelhantes. Agora conhecemos uma tendência à generalização à escala do mundo dos mesmos objetos geográficos e das mesmas paisagens. A globalização leva à afirmação de um novo meio geográfico cuja produção é deliberada e que é tanto mais produtivo, quanto for maior o seu conteúdo em ciência, tecnologia e informação... Até recentemente, a superfície da terra era utilizada segundo divisões criadas pela natureza ou pela história, chamadas regiões, e que de um modo geral constituíam a base da vida econômica cultural e não raro política. Hoje, graças ao processo das técnicas e das comunicações, a esse território das regiões superpõe-se um território das redes... Se espalham por todo o planeta. Essas redes são a base da modernidade atual, e a condição de realização da economia e da sociedade global.

Registram-se avanços extraordinários. No limiar do século XXI, a marca do século XX torna-se o progresso material. Sobre o século XX, Hobsbawm (1997) afirma:

O grande legado foi o progresso material científico... Houve uma transformação material do mundo e uma notável melhoria não somente na possibilidade de vida dos seres humanos em uma grande parte do mundo. Mas também no que toca a uma melhor qualidade de vida. Vivemos de uma forma mais saudável, estamos mais fortes, menos doentes do que antes. Esta é uma herança absolutamente importante.

Por outro lado, deslocou-se o eixo econômico para outro continente. Outra herança importante é o deslocamento geográfico do centro do mundo: anteriormente, ele estava na Europa ou nas margens do Atlântico; atualmente, está na Ásia e na América... Os problemas que tivemos neste século na Europa e no Ocidente agora vão se deslocar para a Ásia.

Outra consequência da globalização é o desemprego como fenômeno mundial. Alguns dados confirmam como, nos últimos anos, o problema se agravou, elevando sobremaneira as taxas de desemprego, especialmente nas áreas do antigo Terceiro Mundo. A seguir, indica-se como evoluíram as taxas de desemprego nos últimos anos em alguns países.

Evolução da taxa de desemprego em alguns países:

- Estados Unidos: 1981 - 8%; 1996 - 5,5%. Total de 7 milhões de desempregados.
- Japão: 1985 - 2,6%; 1993 - 2,5%.
- Uruguai: 1993 - 8,3%; 1996 - 10,7%.
- México: 1981 - 4%; 1995 - 7%.
- China: 1985 - 1,8%; 1994 - 2,8%. (O volume da população chinesa, 1.250.000.000).
- Brasil: 1989 - 3,7%; 1996 - 5,42%.
- Suécia: 1981 - 3%; 1995 - 7%.
- França: 1981 - 7%; 1995 - 12,8%.
- Alemanha: 1981 - 4%; 1995 - 10,6%.
- Espanha: 1981 - 14%; 1995 - 23%.
- Itália: 1981 - 3%; 1995 - 12,2%.
- Índia: 1996 - 23%.
- Argentina: 1981 - 14%; 1995 - 23%. (25).

Correlacionada à situação anterior, gerou-se outra consequência: originou-se uma grande concentração da riqueza. O capital tornou-se volátil e, portanto, migra de um país para o outro com grande facilidade. A aplicação nas bolsas o demonstra claramente.

Na década de 1990, o sul já transferiu para o norte mais de 20 bilhões de dólares por ano, ou seja, em cinco anos, 100 bilhões de dólares. Aumenta o desequilíbrio e a distribuição da renda, em nível mundial, é cada vez mais inaceitável: 71%

da população do planeta recebe apenas 15% da renda global, e os 10 % mais ricos têm mais de 50% da renda global. E mais estarrecedor ainda: apenas 358 bilionários controlam as principais fontes de riqueza do mundo e decidem a sorte e o futuro da humanidade. O PNB médio per capita do norte é 18 vezes superior ao do sul.

No caso do Brasil, Roberto Marinho, por exemplo, de 1996 para 1997, aumentou a sua riqueza de 2 para 3 bilhões, e, no mesmo período, Antônio Ermírio de Moraes passou de 6 para 7 bilhões, segundo recente número da revista *Forbes*.

Há, no campo da ética, uma verdadeira cultura de si mesmo: Egonomia. Até há pouco predominava a padronização. Hoje, procura-se a identificação pessoal. Busca-se a personalização dos produtos (Popcorn, 1991 p. 60).

Num mundo globalizado, também surgem problemas globais, mundiais, por consequência. Podem ser enumerados ao menos três grandes problemas em escala planetária: a questão do meio ambiente, o problema da população e a globalização da economia.

NESSE CONTEXTO, COMO FICAM AS QUESTÕES SOCIAIS? COMO FICA A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO?

Inicialmente, constata-se uma perda da autonomia política dos países dependentes, os quais perdem grandemente sua capacidade de decisão. O poder de muitos países é inferior àquele de muitos dos conglomerados econômicos. Observa-se uma extrema importância da informática. Nossa memória está fora de nós; está na memória dos computadores. Aqui se coloca uma questão essencial: que categorias vamos utilizar? Será o econômico o determinante? Se assim for, a questão posta já está resolvida pela lógica da própria ordem estabelecida, ou seja, a sociedade global, como acabamos de ver.

No bojo desse processo, desenvolve-se com grande veemência a doutrina neoliberal. O que é o neoliberalismo? Para saber o que é o neoliberalismo, precisamos saber o que é o liberalismo.

Como surge o liberalismo? Surge especialmente a partir do pensamento de Locke, Rousseau, Montesquieu, Diderot, D'Alembert e defende cinco princípios básicos: propriedade, individualismo, liberdade, igualdade, democracia.

Como consequência, observamos a ascensão da burguesia ao poder, defendendo os novos ideais burgueses. Entre os precursores, destaca-se Adam Smith, que defendia liberdade total de mercado,

com as chamadas *leis de chumbo* e a livre-concorrência, sem intervenção do Estado.

O *neoliberalismo* consiste numa releitura e adaptação à nova ordem dos princípios anteriores. Segundo Anderson,

o neoliberalismo nasceu logo depois da Segunda Guerra mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar. Seu texto de origem é "O caminho da servidão", de Friderick Hayek, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciadas como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica mas também política. Pode-se resumir neoliberalismo como o seguinte axioma: o mercado é, em si, uma instituição perfeita para solucionar o problema econômico em sociedades modernas. O que está faltando é implementá-lo em termos totais (Oliveira, 1994, p. 15).

Os primeiros passos para a implantação delinearam-se após a grande crise de 1973.

Delineou-se já o novo programa. Em 1979, Thatcher deu os primeiros passos. Em 1980, foi eleito Reagan nos Estados Unidos e Kohl na Alemanha, em 1982; em 1983, chegou ao poder Schutler,

na Dinamarca. Estava, assim, aberto o caminho para a *direitização* das políticas econômicas. Quais as medidas tomadas pelo governo inglês, por exemplo? Ainda segundo Perry Anderson (1994), professor da Universidade da Califórnia:

O modelo inglês foi, ao mesmo tempo, o pioneiro e o mais puro. Os governos Thatcher contrairam a emissão da moeda, elevaram as taxas de juro, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controles sobre fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E finalmente - esta foi uma medida surpreendentemente tardia - se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida por indústrias básicas, como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água.

Os demais países implantaram programas semelhantes a seu modo. A queda do muro de Berlim apressou o processo. Há uma relação muito estreita com o processo de globalização. Veja-se o atual modelo brasileiro de crescimento econômico.

O neoliberalismo retoma as velhas idéias liberais e defende o modelo de desenvolvimento liberal. Quais os princípios básicos?

- retirada do Estado do campo econômico;

- implantação do Estado mínimo;
- abertura da economia, internacionalização do capital;
- desmonte do Estado do bem-estar social;
- privatização da economia;
- elevadas taxas de juros;
- “novo-sindicalismo”;
- autonomia do mercado;
- absolutização da livre-concorrência;
- desideologização das relações sociais: fim da história, fim das ideologias;
- lucratividade: o que não for eficiente se fecha, desemprego;
- qualidade total;
- estabilidade monetária: disciplina orçamentária.

As conseqüências já começam a ser sentidas em nível de salário, emprego, saúde, transportes, educação... Veja-se o caso da reforma de educação do Chile, onde se constata a queda da qualidade, mas decide-se pela manutenção, pois os custos tornaram-se menores.

Poderíamos dizer que

a história deixa de ser regida por sujeitos conscientes e passa a ser dirigida e conduzida por estruturas anônimas. Aliás, a realidade mesma é, em última instância, estas estruturas impessoais. São estas estruturas que produzem os homens; elas constituem a substância de suas vidas, por isto os verdadeiros agentes da história já que não são os homens que controlam estes mecanismos, mas antes estes mecanismos é que dirigem a vida dos homens (Oliveira, 1994, p.30).

As relações sociais fundamentam-se em outra ordem de valores. O homem não é simplesmente o *homo faber*, não é só econômico; há outros espaços, aliás, os essenciais. Como afirma Jung Mo Sung:

Apesar de ideólogos do capitalismo afirmarem que já passou o tempo das ideologias e da política, existe este espaço mas ele não é muito grande. Questões econômicas são importantes, mas não esgotam a realidade humana. Além disso, mesmo no interior das relações econômicas encontramos questões políticas e existenciais. Um exemplo: no capitalismo, toda a produção é voltada para a satisfação do desejo dos consumidores. O universo do desejo é muito complexo, nele se encontram a psicanálise, a antropologia, a religião, as relações sociais, etc. A tentativa de fazer de categorias econômicas o critério absoluto das relações entre grupos e povos não tem sustentação na economia. No fundo é uma postura ideológica e política. O que mostra que não é possível acabar com este espaço de debate. O que precisamos é criar novas categorias, capazes de incluir questões, como autodeterminação, dignidade humana e valores éticos e espirituais neste debate sobre a globalização (apud Castro, 1995, p.15).

A educação coloca-se nessas categorias na medida em que gera um novo tipo de relacionamento humano e social. Cabe perguntar: que tipo de educação tem lugar no mundo da globalização?

Sem dúvida, a primeira resposta indica que deve ser uma educação comprometida com a cidadania, e não um simples processo de ensino-aprendizagem ou de instrução. O fato de dominar, por exemplo, as técnicas básicas da comunicação não torna o homem mais capacitado. Segundo Gastaldi,

um desenvolvimento, um caminho para maior plenitude, uma maior perfeição. Por ser o desenvolvimento dum ser humano, não é um desenvolvimento cego, como o de uma planta ou de um animal, mas consciente e livre. Consciente, isto é, que conhece os fins que busca e os meios que utiliza; e livre, ou seja, que supõe a autodeterminação do sujeito para lançar mão destes meios e alcançar estes fins. A educação é tarefa humana por excelência, porque por ela o ser humano chega a ser plenamente pessoa. É o complemento indispensável da procriação (1994, p. 59).

E logo mais adiante o mesmo autor define educar como sendo “capacitar o sujeito para que alcance o seu fim último, sua realização como pessoa, mediante ações livres e moralmente retas (Idem, p.28).

Partindo desse pressuposto de educação como sendo instrumento de realização e cidadania, pode-se vislumbrar a dificuldade para emergir como preocupação importante no mundo da economia. Os interesses diferem por uma parte, pois, para a sociedade global, a grande

questão é o aumento da produção e a geração de novos produtos e não de novos sujeitos.

Hoje, observa-se aquilo que Paul Ricoeur admoestava há trinta anos, dizendo que o processo de modernização constituía-se em ameaça para culturas nacionais e núcleos ético-míticos.

A educação tem sido tratada no mundo da globalização com os interesses econômicos determinados pela política neoliberal. A educação passa a ser vista como um bem de mercado colocado à disposição da população para atender às suas necessidades segundo os seus interesses. Aqui reside uma questão essencial: a educação deixa de ser uma questão social para ser vista como uma questão individual. Desloca-se o foco do problema. E nesse sentido também deixa, portanto, de ser uma prioridade de ação dos governos para, progressivamente, ser transferida para o setor privado, já que é um bem de mercado e, como tal, deve ser tratado. Aqueles que se interessarem poderão buscá-la.

Ora, num país de imensas desigualdades sociais, essa postura política representa colocar à margem da educação grandes camadas sociais da população que, antes da educação, têm que lutar para satisfazer suas necessidades mais básicas, como alimentação, moradia, vestuário, emprego... Essa política contribuirá para acirrar as diferenças sociais, acentuando ainda mais os desequilíbrios entre aqueles que tudo possuem (inclusive um bom nível de educação) e aque-

les que só poderiam ter certos bens sociais se esses fossem assegurados pelos poderes públicos. A educação torna-se exemplo típico.

Nossa concepção de educação depende fundamentalmente da nossa concepção de homem e de mundo. Com base nos conhecimentos filosóficos já acumulados, pode-se dizer que

o ser do homem é em primeiro lugar um ser-no-mundo, isto é, em primeiro lugar um ser na totalidade dos seres. Esta totalidade nos é sempre dada, mas ao mesmo tempo ela é também, tarefa na medida que devemos construir nosso próprio mundo, a forma específica da totalidade somos e lutamos por conquistar nosso ser. Assim a verdadeira realidade não é algo já acabado, mas algo essencialmente aberto, por vir, inclusive também através de nosso empenho (Oliveira, 1994, p. 34).

Examinam-se, a seguir, alguns pressupostos básicos para definir posteriormente educação.

- *Primeiro ponto:* o mundo é dinâmico. A realidade é resultado dum processo humano; é resultado das ações dos homens. Por outro lado, também se encontra em processo *in fieri*; o homem é incompletude. O homem se constrói no mundo; é o único ser que se faz, portanto, que se define e se modifica. “Enquanto seres contingentes, nunca somos prontos; estamos, em princípio, abertos a novas configurações de nosso ser” (Idem, p. 35). Somos, portanto, seres em devenir. Constituímo-nos ao longo da história.

rações de nosso ser” (Idem, p. 35). Somos, portanto, seres em devenir. Constituímo-nos ao longo da história.

- *Segundo ponto:* o homem é ser que pode definir sua vida. Para poder definir sua vida, o homem dispõe, fundamentalmente, da capacidade de decidir e discernir sobre seu futuro, o que implica dizer que o homem é um ser livre.

Seu ser é, enquanto tal, abertura, indeterminação, o que em nossa tradição de pensamento é o primeiro nome de “liberdade”... Liberdade é a chance permanente de novas configurações, de nós mesmos e de nossas configurações históricas de vida (Idem).

A liberdade é, portanto, uma qualidade intrínseca do nosso ser; para poder ser, é necessário ser livre.

- *Terceiro ponto:* o homem é um ser livre. Sendo um ser no mundo, o

homem é um ser do diálogo universal com os seres, pelo fato de ser aquele no qual o sentido se questiona e se articula. O sentido emerge na fala do homem e, enquanto falante, o homem é, essencialmente, um ser-com-o-outro, isto é, em essencial relação com outros homens. Neste sentido estrito, o homem é um ser do diálogo, e assim sua liberdade é essencialmente dialógica (Idem, p.36).

A partir de tal ponto, estabelece-se uma relação entre sujeitos, portanto, a intersubjetividade.

- *Quarto ponto:* o homem é ser do diálogo. A construção da história implica, portanto, construir com os outros homens. É, portanto, constitutiva do homem a alteridade, ou seja, a definição do ser com o outro. O outro não é o inferno para mim (Sartre), mas o outro é a possibilidade de configuração. Portanto, nossa tarefa expressa-se na necessidade de dever ser:

Temos que ser; isto é, de descobrir, de produzir criativamente uma configuração de nosso próprio ser. ...a história se revela como o espaço de luta pela efetivação do incondicional na contingência (Idem, p. 37-38).

- *Quinto ponto:* o homem é, portanto, um ser carente, carente de construir seu próprio projeto. Aqui, coloca-se uma questão fundamental, essencial:

A escolha entre as possibilidades tem um ponto de referência fundamental: a ligação ou não com o projeto básico de vida. Trata-se, concretamente, de saber entre os diversos fins contingentes que se oferecem à escolha dos homens, que fins efetivam ou não sua vida (Idem, p.40).

- *Sexto ponto:* a escolha refere-se ao projeto básico de vida. A partir dessas colocações, concluímos que o homem tem um fim em si

e, como tal, é o único que busca o lugar no mundo. Para concluir essa parte, diríamos que

liberdade não é um estado de plenitude, mas um devir. Portanto, não é uma situação alcançada de uma vez para sempre, mas um processo de conquista, portanto, um processo de libertação, enquanto processo de efetivação da liberdade, mas contingência da história... o homem é pura possibilidade... O homem é esta tensão permanente entre o horizonte de infinitude e efetividade finita de sua mediação histórica. Assim, sua história é a permanente luta pela passagem da infinitude de horizonte para a finitude das realizações contingentes (Idem, p. 45).

As escolhas de vida, portanto, colocam-se no horizonte do próprio ser humano, implicando, portanto, a escolha do seu mundo. A liberdade significa o processo de construção do seu mundo como o seu espaço próprio: é o lugar da possível humanização do homem. Isso implica responsabilidade pelo seu mundo. É aqui que entra a educação. A concepção de educação está diretamente relacionada com a concepção de homem que foi anteriormente exposta.

O QUE É EDUCAÇÃO ?

A definição tradicional *educere - educare* corresponde a *tirar de, extrair de...* Cabe questionar se, na forma que a educação assumiu, é realmente *tirar de*

dentro? Não seria melhor dizer *colocar para dentro?* O que deveria caracterizar a educação? Com base na visão proposta, alguns princípios se impõem.

1. Educação é um processo histórico: porque educa os homens num determinado tempo; dá-se dentro da história de um povo.

2. Um processo conservador: na visão de Durkheim, é uma transmissão cultural; recupera o passado. Segundo Fiori,

na educação há, sobretudo, diálogo de gerações: as velhas gerações entregam às novas o que fizeram, porém não como algo pronto, sob a pena de as novas não irem adiante. O progresso da cultura se faz muito mais pela experiência dos jovens do que pela dos velhos (1991, p. 48).

Ele reinterpreta o pensamento e a realidade, vivificando-a.

3. Um processo inovador: gera novos conhecimentos. Cabe estabelecer a diferença entre conhecimento e pensamento. Conhecimento refere-se ao passado. O pensamento é a reinterpretação do conhecimento no momento presente.

4. É um fato existencial: a educação configura o homem; o homem se faz ser homem.

5. É um processo social: refere-se à sociedade como um todo. É determinado pelo interesse que move a sociedade.

6. Processo contínuo e permanente: trabalha com elementos passageiros e permanentes. Incorporação de conhecimentos e hábitos: *in corpore*, colocar no corpo. Começa quando o homem nasce e

termina com a sua morte.

7. É um processo consciente: a consciência é algo próprio e exclusivo do homem. Trabalha a questão mais radical do homem: a consciência. Homem é um ser crítico; homem enquanto ser racional pode se educar. Educação trabalha a possibilidade humana.

8. A educação muda a pessoa humana: por isso, precisamos ter um modelo de homem. Que pessoa humana queremos formar? Egoísta? Vencedor? Pessimista? Humano? Solidário? Competente?

9. A educação é essencial: atinge o próprio ser do homem.

O homem é um ser inacabado, pois se constitui pela história. A educação trabalha o inacabado, o incompleto, o infinito.

O homem é um ser livre. A educação trabalha essa liberdade.

O homem é um ser criador. A educação trabalha essa dimensão.

A educação torna-se um instrumento de realização do homem como ser social. Oferece alternativas para desenvolver os projetos humanos.

Muda a condição humana do indivíduo que adquire o saber. Altera o ser do homem. O indivíduo que adquire o saber passa a ver o mundo e a si mesmo de maneira diferente. Por isso, a educação é transformadora. O essencial, não o contingencial.

A educação é substantiva e não adjetiva ou ornamental. Transforma a existência do próprio povo. Nisso está a grandiosidade da educação: humanizar os homens.

Supera a educação alienadora. O homem como ser interveniente no mundo. É subjetiva. Não há um objeto x sujeito.

Cabe, pois, à educação dar essa consciência:

- enquanto os engenheiros constroem estradas, pontes...
- enquanto os matemáticos ensinam novos cálculos e fórmulas...
- enquanto os físicos cuidam do universo...
- enquanto os veterinários cuidam dos animais...
- enquanto os engenheiros florestais cuidam das matas
- enquanto os agrônomos trabalham a terra...
- enquanto os médicos cuidam dos corpos...

Os educadores cuidam dos homens e constroem a vida humana.

CONCLUSÃO

Num mundo globalizado, privar as camadas populares da educação pública seria privá-las da possibilidade primeira da cidadania. Privar da cidadania significa, por sua vez, privá-las da possibilidade de realização e subjetividade. Nenhum Estado tem o direito de ser tão mesquinho com os seus cidadãos, especialmente quando tal é feito em nome do interesse econômico e máxime do interesse econômico de grupos externos. Não está a educação perdendo o seu valor por tentar reduzir uma ciência humana a um bem de mercado?

Isso significaria negar a própria essência da educação. As ciências humanas não podem ser convertidas em objetos de comercialização. Aplicar as leis de mercado à educação significa negar a sua própria essência. Não seria o que está acontecendo em muitos países, em que o Estado comercializa o “produto educação”? Os baixos salários dos professores não encontram aí uma explicação? As diminutas inversões em educação a que lógica estão obedecendo?

Num mundo de economia globalizada, no qual especialmente se transferiram as perdas para os países dependentes, interessa também a globalização das conquistas sociais dos povos: da saúde, do emprego, dos direitos sociais, dos salários. A educação seria o primeiro passo.

Somente a partir dessa visão conjunta, pode-se pensar em desenvolvimento. Caso contrário, deverão se agravar as diferenças sociais internas e externas.

Concretamente, para o Brasil, já se constituiria em um grande avanço universalizar a educação básica como fizeram os atuais países industrializados ao longo do século XIX. Espera-se que o século XXI veja esses sonhos do século XX concretizados para todas as camadas sociais do nosso país.

ABSTRACT

From the recent change processes especially after the fall of the Berlin Wall in 1989, some terms started to have a

wide circulation: world wideness, internationalization of economy, world society, globalization are constantly used, although they do not always have the same meaning, depending on the author and on the context where they are utilized. Therefore, since they are not univocal, it is convenient to define them suitably before using them.

It is necessary to find out what effects and what measures concretize the project in the various fields and, especially, in the so called social policies.

In this work one intends to offer, although in a synthetic way, a first approach to what is globalization in order to, in a second moment, examine its causes, and in a third stage, approach the features of the phenomenon with the purpose to establish the relationships with the world of education later on.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: *Pós-neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.15.
- ARRUDA, Marcos. *Globalização e ajuste neoliberal: riscos e oportunidade*. Tempo e Presença. Brasília, 1997.
- CASTRO, André Barros de. *O alto preço da globalização*. São Paulo: Cidade Nova, ano XXXVII, n.6, jun. 1995, p.5
- CHESNAUX, Jean. *Modernidade - mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GASTALDI, Italo. *Educar e evangelizar na pós-modernidade*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994, p.59.
- FIORI, Ernani Maria. *Educação e política*. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- HOBSBAWN, Eric. Entrevista. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 22. 6. 1997.
- IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- KURZ, Robert. Perdedores globais. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1º.10.1995, 5-9.
- _____. Desfecho do masoquismo histórico. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 20.7.1997, p. 5-3.
- MORAES, Jaime Luccas de. *Globalização e desemprego*. São Paulo: Cidade Nova Ano 39, n. 4, abril 1997. p. 12-13.
- MELO, Zuleide Faria de. A falácia do discurso neoliberal. *Revista de Educação*. AEC. Brasília, jul./set., n. 100, 1996. p. 19-20.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Neoliberalismo e ética. In: *Neoliberalismo e pensamento cristão*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.11.
- POPCORN, Faith. *Le rapport popcorn*. Quebec: Les Editions de L'homme, 1991.
- SANTOS, Milton. *Geografia*, FSP SP (13.4.1997).
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TOURAINE, Alain. A consciência tranqüila de Clinton. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13.7.1997.